



**casadesarmento**

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4810-241 Guimarães  
E-mail: [casa.sarmento@csarmento.uminho.pt](mailto:casa.sarmento@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)

## REGISTO BIBLIOGRÁFICO

### CARTA AO AUTOR DAS

#### «VELHAS SENTENÇAS»

(Guimarães—1922. Tip. Minerva Vimaranesense)

Meu caro Alberto Vieira Braga!

Dezembro — 31. Na aldeia, junto ao lar.

E' aqui o meu sítio de agasalho e confiança, a última ponta do escabelo. Fica na sombra que a luz da candeia tihosa derrama, quebrando nos potes gigantes, uma sombra aranha mexendo caricaturas na alta parede enegrecida, e enfarruscada com tal engenho que se mascara às mais afeitas espevitações da curiosidade.

Ouve-se o mar e a serra no fantasma de sons que descem uivando pela chaminé. O fumo do toro meio-séco, meio-verde, tradicional estas noites, é espesso, choramingoso, mas entorpece a idea: uma áspera inutilidade, e sonolenta a mágua: um residuo sujo de civilização.

Ao vermelho vivo, rubis de sangue ardendo em chama, coração e flor, do esbrasido que as ventaneiras atizam, as pupilas desmesuram em interrogações hipnóticas de sonho. A paisagem de inverno da natureza confunde-se com a paisagem de inverno na alma. Foi neste mesmo lugar, aos serões, que eu conheci o verdadeiro silêncio, que é o silêncio dentro em nós pela maior feira de alarido e estrépito.

A ancilagem rústica e amiga tropelinha. Moças de lavoira discutem a melhor quinta — «o ramo da fregue-

sia» —, em algazarreios de vèstoria. A meus pés o *Brilhante* dorme, esse bem sabe que deve estar quêdo e dormente. E chamam-lhe vadio! Uns homens, que se pretendem os donos, ou caçadores que o levam de prenda, açaíam-no, enforcam-no em cordas, arrastam-no para léguas, torcendo caminhos, a desfarar. São os oito dias de cárcere do farroupilha crónico. Mal se desaperta o nó, o *Brilhante* bebe os ares em correria. Ei-lo que volta. Para o pontapé, para o enxota-fora! — «má praga, que te escacho!» —, para a fome. Volta. Não há engodos de mimices, nem fartura de lentilhas que o prendam.

Ali vão, no eido empapuçado, assobiando. Um rapaz? Qual! — a filha do caseiro, de cântaro, à fonte: é magra e esbelta e todo o seu andar um passo de baile e de cantiga. O namorado espera-a, de guarda-chuva aberto, que veio mesmo ao pintar, mais juntinhos, lado a lado, um aguaceiro. Interessante a rapariga, mas já com o seu Tónio...

Noite de S. Silvestre... a última do ano, em que se pagam tôdas as dívidas, as do magro balanço desfalcado (o meu balanço! ó Alberto...); as da nossa saudade e as da nossa gratidão... E' má noite para mim, uma noite de cabelos brancos. Tenho de a deixar cair escuramente no escuro do que lá vai, lá vai! Dianho da sombra a fazer-me arreganhos e macabres pela cal tsnada... e a serra e o mar em buzios chorosos de tempestade...

E mais uma vez releio a ironia de silva e o desgarrado de saudade do teu livro de quadras

«A lenha sustenta o lume.

Dor sagrada é, sem engano,  
a alma pura ardendo em chama  
no seu sacrifício humano.»

Lentamente pauso, já de cor, não quebrando para a singeleza desta carta, assim mesmo escrita com um carvão na lauda esfarpa de uma gazeta, o feitiço do meu enlêvo, e do amuo, o escandalizado amuo com que feriste a nossa boa estima, naquele fatalissimo, conhecido, ligeiro minuto de impulso e destempêro,

tolinho de todo, que segue, invariável, na cauda das horas de inspiração feliz:

...«A cada um e como vale,  
dai repartido e pensado...»

Abomino — pois é este verbo pansudo e anatemático o que melhor serve ao meu pensamento, quicá muito burguesinho no seu aferradismo — abomino a coaxagem da poesia laureada nos ofícios e cantochão da imortalibanalidade. E tanto, tantíssimo que certos versos — naquelas tardes aos domingos, de há muito por mim consagrados aos poetas e à família, — me desavieram e ensombraram com a harmonia, com o metro, com a acentuação e com a rima, em ânsias esverdeadas, em epigástricas torturas, em arrepelões e enjão de toxicado. Parafraseando uma agudeza do nosso D. João II, há momentos de ler o épico e o tonitroante e horas para as infundáveis máguas do eterno e enromeuzado trovista, apaixonadigo e lírico, que vai toando em *ar*, em *ões*, em *entes* e outros arrevêssos de cantoria: bem sei. Para uma larga estância de meditação filosófica e puro misticismo chega um soneto de *Antero*. Em certos poentes flamejam os despreocupados encantos de *Os Simples*. E eu, meu caro Alberto, que tenho o culto do português pelos *Luíadas*, muitas vezes me surpreendo a esconder meus desgostos nessa obra supremamente admirável, que são os sonetos de *Camões*. Há também a poesia-escultura, como a de *Eugénio de Castro*, a poesia-sentimento, como a de *Virginia Vitorino*, a poesia música, como a de *Alfredo Pimenta*, a poesia clássica e boémia de *João Penha*, em febre, como a de *António Nobre*, praga e flor em *Gomes Leal*... Confundir a tam vária impressionabilidade, é passar sôbre o esforço artístico como o gato por cima de brasas, para mais não dizer da horrenda mistela.

Até aqui ainda eu alinhavo. Criticar a obra de arte, e muito especialmente a poesia, não sei. Leio e sinto. Sinto com a febril intensidade do meu temperamento, este maldito que me tem envenenado mais que a *cantarella* dos Bórgias, e toda a esbogalhuda admi-

ração de quem, Deus louvado, nunca foi arteiro em pôr jeito a duas linhas decimetradas e cantantes, nem mesmo quando maleitava, em noites brancas de pasmo e luar de alma, os primeiros suores frios do alvoroço com

.....«o morrer de amores  
numa agonia de beijos...»

A sensibilidade excita-se ao belo ou com o detestável. Crispam-me os nervos, dolorosamente, certas asneiras heróicas atubadas pela fama dos manuais. Tu conheces a poesia (?) átona de côr, a rima grunhente, peristáltica de metro — oh! içá! içá! arriba! arriba! — que nem quatro juntas de bois desatolam do marasmo. E os derretidos do onanismo lírico? — «*Ai meu trêdo amor! teu colo de garça...*» gá-gá, gá-gá... ou o catapum-pum dos epiléticos desembestos — «*E mentias, assim chorosa, infame!*», em graniso de pragas — «*raios te melem!*» A asneira-prosa é este cómodo roupão de trazer por casa e que toda-a-gente usa mais ou menos. Agora estar um vate (julgo que é o apeladoiro) a medir a inspiração com os dedos — uma duas, três —, a martelar os acentos na cabeça das palavras e a puxar as soâncias para embonitar a mesmíssima asneira, lá me parece desvergonha.

Quero eu dizer, e não sei bem como vou acertando tais despropósitos a um tição morrinhento, que em toda a poesia ou há a espontaneidade vibrante do sentimento, a graça natural da linguagem e o vivo florescer do ritmo, ou sai poltreia, gelatina,isco. Não há meio termo, aqui. E olha que saíu bem dito, meu caro Alberto, que a poesia é uma febre. Água fria, uma chávena de café, um passeio ao monte, carregar os lombos de trabalho — e a tinêta limpa.

Foi assim, com franqueza, encarramonado, desabrido, que cortei as páginas do teu livro. Pois quê! Tu, excelente pessoa, muito subido na minha estima e no meu reconhecimento, tu, duma tam singular penetração para as coisas simples e a gleba rústica, joalheiro de bons termos, um encofrador quási avaro de modismos, tradições, vida popular, que procuras conscientemente erguer o teu belo espírito nas melhores fontes

da arte e da justiça, *tu quoque*... te deixaste inquinar na água tífica do verso! ? Como singraste aventureiro por tais escolhos? E depois com um feitio ao meu feitio, de passar anónimo, esquecido, alheio na turba, arrancas à evidência, à publicidade, ao chiquismo e pedantaria da letra redonda!

Ora deixa que eu já te arranjo...

...«ninguém queira ir mais além  
daquilo p'ra que nasceu.»

Danadinho por te espalmar o zurzedoio da crítica... Mas eis que uma frescura aldeã me começa arejando o espírito, e bailam côres a meus olhos, e todo o meu ouvido se afila para não perder migalha da cantiga; vou na suavidade e fragrância da dor pobrezinha, que sente muito, e apenas soluça oculta, timorata; na leveza da ironia como duas borboletas beijando-se ao bom sol, no ritmo de graça — rosmanninho e fonte —, e em tôda a sã, religiosa, filosofia dos conceitos: a grande, a maior, a formidável sciência da amargura de viver... E sinto e canto, e sorrio, cativo, quási de joelhos como à beira de namorada, com duas lágrimas tontinhas nos olhos cegos do esplendor e sol da mãe-natureza.

Não estou a ler um poeta, estou a ouvir o povo. Porque eu já ouvi o teu livro afinal aos mendigos de sacola, às avózinhas dos serões, às tristes conversadas. Já ouvi, já ouvi rouxinolar as tuas quadras, meigamente, na farinha de prata, entre a bilha partida onde um grosso cravo estoira e uma portada de janela, carunchosa, esquiva, com fechos corridos, mas pela qual o som escoia, como a luz pelos vidros, do coração-transeúnte ao coração-vigia, fingindo que dorme...

...O teu livro é adorável como a simplicidade e a ternura. Comovidamente o homem que passou com a sua dor inútil, sombra de uma sombra, te saúda, ó moço que chegas à via-sacra maravilhosa da loucura e do sonho — a arte, a pérfida, a formosa amante.

Mas rasga e depressa essa quarta página de agouro e desastre. Queima-a. Esse nome é preságio e maldição. Venenosa poeira. Não, não tem que fazer

aqui nem a conveniência postiça, nem a vaidosa modestia. Assim mesmo: por dentro e por fora. Rasga-a, queima-a. Não serve nem para epitáfio. Há-de bastar-lhe a lousa, ao mísero. E, se alguma alma piedosa nela gravar uma cruz, será a cruz do caminheiro.

Meia noite. Repicam os sinos, estalam foguetes. E o lume estrebucha em clarões de brasa. Salta em pérolas, cascata em diamantes, escorre em topázios e ametistas. Faúlhas de lume, regatos de lume. Escuta, escuta neste inquieto silêncio o fantasma de voz — é a serra, é o mar, longe...

Teu amigo e admirador

Eduardo d'Almeida.



Os nossos velhos amigos, muito distintos colaboradores desta *Revista*, e que já desde Coimbra marcaram a sua afeição pela vida espiritual, os Srs. Drs. A. Mesquita de Figueiredo e A. C. Pires de Lima publicaram mais dois interessantes e valiosos trabalhos — *Arquivo Nacional da Torre do Tombo — Roteiro Prático* — (1922 — Livraria Universal de Armando Joaquim Tavares — Calçada do Combro, 28 e 30 — Lisboa) — obra de paciência, revelando conhecimentos seguros, e que veio facilitar extremamente a penosa, ingrata, e quantas vezes baldada tarefa de todos os que necessitam rebuscar documentos naquele relicário da vida passada, e por isso mesmo livrinho benemérito e do mais positivo alcance e *As Invasões Francesas na tradição oral e escrita* — Separata da «Revista Lusitana» (Pôrto — Tipografia Sequeira, Limitada — 114, Rua de José Falcão, 122 — 1922) — recolha curiosíssima de tradições populares em que, de sarcasmo ou dor, vibra a alma rude na singeleza e devoção à terra natal.

*No seio da Virgem-Mãe* (considerações sobre a história de uma quadra popular — por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, J. Leite de Vasconcelos & Cláudio Basto (Viana do Castelo — Biblioteca da revista *Lusa* — 1922) aqueles doutos professores e eruditos investi-

gam as origens, fases, modalidades de uma conhecida quadra portuguesa

No seio da Virgem-Mãe  
incarnou divina graça :  
entrou e saíu por ela  
como o sol pela vidraça.

Do ilustre professor Dr. *Henrique de Vilhena* recebemos dois belos livros : *Ensaio de Crítica e Estética* (Lisboa, 1922 — Livraria Ferin) e *Do Bem e do Belo ou do Sentido Espiritual da Vida Humana* (Lisboa, 1922 — Livraria e Papelaria América). Escritor de alevantada pureza de ideais e dotado de vasta e profunda cultura, o Sr. Dr. *Henrique de Vilhena* tem páginas sugestivas, muito especialmente as de crítica literária e as relativas à expressão das emoções em algumas esculturas da antiguidade clássica e ainda sobre a interpretação psicológica e moral dos *Nibelungos*.

Do Sr. *António Gomes da Rocha Madaíl* temos a acusar *Illiabum — Série de subsídios para a história de Ilhavo — I — Um projecto de brasão de armas concelhio* (Coimbra — Gráfica Conimbricence, Limitada — 1922). Merecem estes difíceis mas proveitosíssimos estudos, sobre que se há-de fazer a revisão de uma verdadeira história nacional, o nosso mais caloroso incentivo.



No próximo número :

HENRIQUE TRINDADE COELHO — *Prosas e versos de Belchior da Nobrega*; CLÁUDIO BASTO — *Flores do Frio*; CÉSAR DE FRIAS — *As Grandes Nupcias*; *Antologia Portuguesa* — Organizada pelo Dr. AGOSTINHO DE CAMPOS — *Fiça de Queiroz*.

EDUARDO D'ALMEIDA.